

## QUINTA-FEIRA SANTA

### TEXTO: MARCOS 14.12-26

#### 1. Contexto Litúrgico e demais leituras

As leituras desta quinta-feira santa, tanto a que necessariamente remete à Instituição da Santa Ceia (Mc 14) como as demais, sublinham o aspecto da comunhão. Êxodo 24 se refere a “ver Deus” e à necessidade de derramamento de sangue para a expiação. 1 Coríntios 10, por sua vez, alude à Igreja como “um só corpo”, em que todos “participamos do único pão” (1 Co 10). O salmo 116 faz parte do Salmos “*Hallel*” (Sl 113-118) que eram empregados na festa judaica da Páscoa. Os salmos 116 a 118 eram proferidos no final da cerimônia pascal. Isso faz sentido quando lemos os versículos 13 e 17 do salmo 116: “Erguerei o cálice da salvação e invocarei o nome do Senhor” e “a ti oferecerei sacrifícios de ações de graças e invocarei o nome do Senhor”.

Numa perspectiva sistemática, não necessariamente exegética, podemos afirmar que as leituras para esta quinta-feira de Páscoa dão um tom homilético e litúrgico para atrelar a justiça vertical à justiça horizontal. Trocando em miúdos, vemos em Êxodo a ação de Deus em favor do povo de Israel (justiça vertical). Quando Moisés faz a aspersion do sangue do sacrifício sobre o povo, ele mostra que a expiação de pecados não é fruto de obra própria, mas da ação de Deus em ordenar e receber o sacrifício. A hermenêutica cristã vê nesse sacrifício vetero-testamentário, um tipo ou antecipação do sacrifício vicário de Cristo. Lemos o Antigo Testamento tipologicamente. Assim, é plausível relacionar a ação de Deus no derramamento de sangue em Êxodo 24 com a ação de Cristo na Instituição da Ceia em Marcos 10. Portanto, da mesma forma que o povo de Israel confiou em Deus, a ponto de afirmar: “tudo que o Senhor falou nós faremos”, o povo cristão pode crer e confiar em Deus e afirmar audaciosamente: “isto é o corpo de Cristo, Isto é o sangue de Cristo, dado e derramado para perdão de pecados”, porque assim disse o Senhor Jesus. A justiça vertical produz no povo de Deus a justiça horizontal.

Dessa forma, nossa confissão de fé, “assim disse o Senhor”, e a comunhão que temos uns com os outros é resultado da ação misericordiosa de Deus. Nos atos de justiça horizontal, somos exortados a viver esta sagrada comunhão e espelhar a expiação no sangue de Cristo em nossas vidas<sup>1</sup>. Talvez, numa leitura estritamente exegética e individual dos textos, especialmente de Êxodo 24, não conseguiríamos fazer essa relação entre justiça vertical e justiça horizontal, entre

---

<sup>1</sup>É, portanto, inteiramente próprio para nós, pós-ressurreição, compreender as palavras de Jesus literalmente, com o seu pleno e significado próprio, seguindo o entendimento demonstrado por São Paulo em 1 Coríntios 10. A compreensão da presença real na Ceia do Senhor não se baseia numa consideração linguística abstrata da palavra ἔστιν (“é”). Pelo contrário, repousa sobre uma consideração de quem diz as palavras neste contexto particular: o Filho de Deus, que é o próprio Deus” (VOELZ).

ação de Deus e consequências na vida cristã. Portanto, nesse caso, reconhecemos que é o contexto litúrgico que dá o tom e aponta caminhos para a proposta homilética.

## 2. O texto e seu contexto

Marcos 14.12-26 utiliza largamente o “presente histórico”, dando ares de vivacidade ao texto relatado. Veja exemplos: λέγουσιν (14.12), ἀποστέλλει, λέγει (14.13) e ἔρχεται (14.17). É como se o evangelista quisesse mostrar a atualidade e pertinência do ocorrido. O presente histórico também é usado por Marcos para indicar o início de uma nova seção.

**v. 12:** Na perspectiva do evangelho de Marcos, esta perícopa sublinha a importância da obra redentora de Jesus e nós. Ela liga a Páscoa do Antigo Testamento e sua completa implementação do reino de Deus em sua dimensão escatológica. A menção ao cordeiro pascal (14.12) é o prelúdio ao partir do pão de Jesus (14.22).

**vv. 13-26:** O texto não deixa claro que é o homem que se encontra com os dois discípulos enviados (14.13). O que chama atenção é o fato de Jesus tomar a ceia pascal com os discípulos e não com sua família, como seria o natural na cultura judaica da época. Isso é evidência que a verdadeira família de Jesus não é a de sangue, mas aqueles que o seguem (3.31-35).

Segundo James Voelz, algo novo acontece na Última Ceia, isto é, não é apenas um apêndice à tradicional ceia pascal. Por um lado, se o partir do pão ocorre “enquanto estão comendo” (14.22) a refeição principal, então isso representa o início de uma nova refeição. Quando Jesus declara que o pão é seu corpo, então ele está substituindo o cordeiro pascal com seu corpo. Além disso, se o cálice que segue ao pão substitui o terceiro cálice servido na tradicional Ceia pascal (o “cálice da bênção”), isso sugere o final da refeição e que, por conseguinte, não haverá novos cálices. Tudo isso constitui uma nova cerimônia que toma o lugar da antiga.

Isso significa ainda que a real presença de Jesus substitui o cordeiro pascal. O corpo de Cristo é o novo cordeiro, o “sacrifício pascal em nosso favor” (1 Co 5.7). A morte do cordeiro da primeira páscoa (Êx 12) ofereceu o sangue que salvou a vida dos primogênitos do povo de Israel, assim a morte de Cristo oferece o sangue derramado em favor de muitos (Marcos 10.45). Em outras palavras, a “Última Ceia” de Jesus com seus discípulos constitui-se numa nova refeição pascal, substituindo a antiga refeição.

### 3. Comentários homiléticos

É possível traçar um belo paralelo entre esse texto de Marcos 14 e Êxodo 24. Vejam só. Em Êx 24.5, após entregar a Torah ao povo, Moisés divide o sangue sacrificial em duas porções, derramando metade nas tigelas e outra metade no altar. Depois da leitura do livro da aliança e da promessa do povo (Êx 24.7), Moisés asperge o sangue no povo de Israel e diz: “Então Moisés pegou aquele sangue, e o aspergiu sobre o povo, e disse: — Eis aqui o sangue da aliança que o Senhor fez com vocês de acordo com todas estas palavras” (Êx 24.8).

Nesse ponto, Voelz (2009), citando Keil, lembra que

[...] a divisão do sangue referia-se às duas partes do pacto, que deveriam ser transformados pelo pacto em uma unidade viva. [...] “Esta não era uma mistura de diferentes tipos de sangue, mas era a divisão de um sangue, e aquele sangue sacrificial, no qual a vida animal era oferecida em vez da vida humana, tornando a expiação uma vida pura para o homem pecador, e em virtude de esta expiação, restaurando a comunhão entre Deus e o homem que havia sido destruída pelo pecado.

No sangue aspergido sobre o altar, a vida natural do povo foi entregue a Deus, como uma vida que passou pela morte, para ser permeada por Sua graça; e então, por meio da aspersão sobre o povo, foi-lhes restaurado novamente, como uma vida renovada pela graça de Deus. Desta forma, o sangue não apenas se tornou um vínculo de união entre Jeová e Seu povo, mas como o sangue da aliança, tornou-se um poder vital, santo e divino, unindo Israel e seu Deus; e a aspersão do povo com este sangue foi uma verdadeira renovação de vida, uma transposição de Israel para o reino de Deus.

Há um paralelo incrível entre as duas leituras! O sangue de Jesus faz expiação como uma vida pura oferecida em favor do ser humano pecador. E pela aplicação do sangue de Jesus, a vida é "restaurada [às pessoas] novamente." Voelz aponta ainda mais longe o paralelismo ao dizer: “Sim, o sangue de Jesus é um 'poder vital, santo e divino, que une Israel e seu Deus', transpondo as pessoas 'para o reino de Deus'”.

A diferença é que hoje não existe mais aquela divisão do sangue representando as duas partes do pacto. Não há mais sacrifício de animais, nem necessidade de abandonar a vida natural”. Não há “divisão do sangue” representando “as duas partes do pacto”. Agora não há oferta de "vida animal". Na aliança do sangue de Jesus, é totalmente diferente. Agora, é o Filho de Deus que nos substitui. Agora, nesta aliança tudo é unilateral e monergista: Jesus faz tudo e estabelece “uma aliança eterna” (Voelz, 2009) (Hb 13.20; cf. Is 55.3; 61.8; Ez 37.26).

Lei e Evangelho? Claro! Na Santa Ceia temos a graça de Deus em estado sacramental trazendo perdão ao nosso pecado em estado bruto. A pregação pode abordar diversos pontos de proclamação de Lei, como a falta de comunhão que temos com Deus por causa do pecado e as dissensões e discórdias que há entre os crentes. Nesse ponto, o pastor artesanalmente precisa

eleger o que ele pretende abordar. Mas, aqui, o remédio é o mesmo; perdão, reconciliação e comunhão são possíveis graças ao sangue de Cristo derramado na aliança da cruz. É algo que nos une a Deus desde o batismo, quando o sangue de Cristo nos alcança com o perdão, pois com “ele somos sepultados e renascemos”. Ele também nos acompanha na proclamação da Palavra, pois ela nos consola e nos revela o amor e a graça de Deus, e nos alcança na Santa Ceia, no comer e beber do corpo e sangue de Cristo, dado e derramado para perdão de pecados.

Pastor Mário Rafael Yudi Fukue